



CF (FN) **Maurício** Corrêa de Souza
mauricio.souza@marinha.mil.br

A Guerra Fria e a Crise no Arcabouço Teórico Militar dos EUA: uma Mudança de Paradigma na Guerra



O CF (FN) **Maurício** serve no CDDCFN como Assessor de Avaliação e Apoio ao Adestramento. Oriundo do Colégio Naval, graduou-se em Ciências Navais pela Escola Naval em 2000. Concluiu, dentre outros: Curso de Aperfeiçoamento para Oficiais do CFN (CIASC), MBA em Finanças Corporativas e Mercado de Capitais (UFF), Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (EGN), Curso de Gestão Empresarial (COPPEAD, UFRJ), *Command and Staff College (Marine Corps University)* e *Master of Military Studies (Marine Corps University)*. Dentre suas comissões, destacam-se: BtlEngFuzNav, como Comandante de Pelotão de Pioneiros; CiaApDbq, como Oficial de EM; GCM, como Ajudante de Ordens do CM; e Escola Naval, como Comandante de Batalhão. Participou ainda da MINUSTAH: em 2006 no GptOpFuzNav-5ºContingente e em 2013 no JMAC.

O fim da Segunda Guerra Mundial (II GM) deu origem a um período de conflito indireto entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) conhecido como Guerra Fria. As duas superpotências que emergiram da II GM protagonizaram uma disputa para aumentar sua influência sobre outros países e propalar seus respectivos sistemas político-econômicos. No entanto, a competição multifacetada entre capitalismo e socialismo evoluiu em diversas vertentes, tais como ideologia, tecnologia, liberdades sociais e capacidades militares. Este último curso, combinado com as tecnologias emergentes à época, desafiou a política de defesa dos EUA e suas consagradas estratégias militares, engendrando uma crise no modelo vigente que resultou em uma mudança de paradigma da Ciência Normal.¹ Destarte, a era da Guerra Fria não representou apenas uma disputa entre dois sistemas político-econômicos, mas também uma crise no arcabouço teórico militar dos EUA que conduziu a uma mudança de paradigma na guerra, resultante de dois fatores principais: o advento da bomba nuclear e a Guerra da Coreia.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, autores visionários e líderes militares anunciaram que o poder aéreo deveria conduzir a estratégia militar.² As décadas de 1920 e 1930

representaram os anos dourados do pensamento estratégico sobre o ar, e teóricos e oficiais advogaram por um papel mais central do poder aéreo que excederia seu mero apoio à Marinha e ao Exército. Em face do poder do bombardeio estratégico, os autores mais dogmáticos chegaram a acreditar que o Exército e a Marinha haviam se tornado obsoletos.³ A II GM provou que o poder aéreo era capaz de desempenhar esse papel fundamental, como ocorreu na Batalha da Grã-Bretanha em 1940, na qual o controle aéreo – a batalha aérea independente – foi vital para a sobrevivência do Reino Unido, em lugar do tradicional controle marítimo. No entanto, a invasão alemã à Polônia e à França evidenciou que a aviação também era crucial no apoio às forças terrestres – blitzkrieg.⁴ No curso da evolução do pensamento do poder aéreo, um evento perturbador chamou a atenção dos estrategistas ao apresentar “um novo tipo de guerra.”⁵

¹Kuhn, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*, 3rd ed. *The University of Chicago Press*, 1996. p. 10, 111

²Desde 1919, Hugh Trenchard desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da doutrina aérea britânica e no futuro da Força Aérea Real, razão pela qual o Marechal é considerado seu pai. O General italiano Giulio Douhet escreveu o primeiro livro dedicado ao papel da aviação: *Il dominio dell'aria* (1921). Nos Estados Unidos, o General Billy Mitchell, autor do livro *Winged Defense* (1924), foi o principal defensor de uma Força Aérea independente.

³McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 5

⁴O italiano Amedeo Mecozzi, oposição a Douhet, defendia a existência de dois corpos de aviação distintos para realizar bombardeios estratégicos e apoio às forças terrestres. O alemão Hans Ritter, autor do livro *Der Luftkrieg* (1926), expôs a relativa eficiência do bombardeio diante da defesa aérea. O americano Willian C. Sherman escreveu o livro *Air Warfare* (1926), uma síntese equilibrada sobre aspectos estratégicos e táticos, longe do unilateralismo de outros autores. Na URSS, enquanto Alexander Lapchinski criticava Douhet, o Major Ivanov argumentava sobre a importância de operações aéreas independentes com objetivos estratégicos.

⁵McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 6

Figura 1: Bombardeio aéreo.



Fonte: Disponível em: <https://c.files.bbc.co.uk/ADA1/production/_97594444_b29-bombing-keystone.jpg>. Acesso em: 07 out. 2020.

Nos dias 6 e 9 de agosto de 1945, o lançamento de duas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki levou o Imperador Japonês à rendição, mas também promoveu um debate sobre a natureza das futuras guerras, iniciando uma era controversa na defesa nacional dos EUA.⁶ Em primeiro lugar, a ideia de que um bombardeio nuclear estratégico terminaria uma guerra em minutos tornou a mobilização de um exército um movimento inadequadamente lento. Em segundo lugar, a Marinha dos EUA não poderia mais desempenhar seu papel de primeira linha de defesa, pois se tornaria incapaz de proteger a pátria. Esses dois fatores desafiaram não apenas a primazia da Marinha e a importância do Exército dos EUA, mas também sua própria existência.⁷ Ironicamente, a II GM também provou a necessidade de aumentar a capacidade das Forças de operar conjuntamente.⁸ Contudo, os limites de cada Força nesse novo tipo de guerra precisavam ser esclarecidos.

Por exemplo, a Marinha, o Exército e o governo discordaram sobre a criação de uma Força Aérea independente.⁹ Em 1949, o General Omar Bradley, oficial do Exército estadunidense e Chefe do Estado-Maior Conjunto, previu que “operações anfíbias em larga escala nunca mais ocorreriam”, desafiando a própria existência do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA.¹⁰ Em suma, vários aspectos daquilo que Thomas Kuhn¹¹ chamaria de ciência normal militar estavam em jogo, e a incerteza provocou uma crise no modelo vigente. Para encontrar uma solução – ou uma nova teoria para substituir o paradigma anterior nas palavras de Thomas Kuhn – o governo dos EUA adotou várias medidas, tais como a Lei de Segurança Nacional de 1947, que estabeleceu um comando militar unificado subordinado ao Secretário de Defesa

⁶Idem.

⁷Ibidem, p. 7

⁸Ibidem, p. 14

⁹McFarland, Keith D. *The 1949 Revolt of the Admirals, Parameters Journal of the US Army War College XI*, no. 2, 1981, p. 53

¹⁰Heinl, Robert D. *The Inchon Landing: A Case of Study in Amphibious Planning*, *Naval War College Review LI*, no. 2, 1998, p.118

¹¹Kuhn, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*, 3rd ed. *The University of Chicago Press*, 1996, p. 77

e criou a Força Aérea independente.¹² Enquanto teóricos e estrategistas debatiam a estrutura ideal para orientar o preparo e o emprego das forças armadas dos EUA, em suporte à sua política de defesa nacional, uma guerra interna e pragmática por recursos ganhou destaque entre as Forças.¹³

Figura 2: Diagram de Kuhn.



Fonte: Kuhn, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*, 3rd ed. *The University of Chicago Press*, 1996, p. 77.

Juntamente à Lei de Segurança Nacional e à forte pressão para reduzir o orçamento de defesa após o término da II GM, o Presidente Truman emitiu a Ordem Executiva 9877, definindo a missão de cada Força. Porém a imprecisão do documento corroborou a disputa entre elas.¹⁴ Em março de 1949, para implementar um grande programa de austeridade e unificar os serviços, Truman nomeou Louis A. Johnson, um político pró-Força Aérea, como o novo Secretário de Defesa.¹⁵ Em menos de um mês, Johnson tomou várias decisões sobre priorização de políticas de informação pública e investimentos, incluindo o cancelamento da construção do novo super porta-aviões da Marinha, privilegiando o Bombardeiro Estratégico B-36. A decisão retirou da Marinha a possibilidade de lançar bombas atômicas de seus aviões e desencadeou a Revolta dos Almirantes, episódio histórico que culminou em uma intervenção do Congresso dos EUA.¹⁶

Após meses de audiências perante o Comitê da Casa das Forças Armadas e a troca de acusações ferozes entre a Marinha, de um lado, e as outras Forças e o Secretário de Defesa, do outro, a investigação do congresso resultou na aposentadoria forçada de vários oficiais da Marinha; em uma profunda queda no moral dos líderes navais; na permanência de um “Secretário de Defesa

¹²McFarland, Keith D. op. cit., loc. cit.

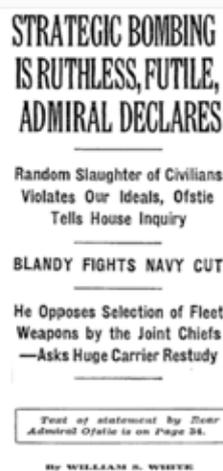
¹³McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 12

¹⁴McFarland, Keith D. *The 1949 Revolt of the Admirals, Parameters Journal of the US Army War College XI*, no. 2, 1981, p. 53; *Executive Order 9877, Executive Orders: Harry S. Truman - 1945-1953*, Harry S. Truman Presidential Library & Museum, <https://Trumanlibrary.org/Executiveorders/Index.Php?Pid=847&St=&St1=>.

¹⁵McFarland, Keith D. op. cit., p. 55

¹⁶Ibidem, p. 56; McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 8

Figura 3: Bombardeio estratégico é implacável e fútil.



Fonte: *The New York Times*.

anti-Marinha”; e na intensificação do “caso de amor da nação com a Força Aérea”, que conseguiu manter a responsabilidade pelo bombardeio estratégico.¹⁷ No entanto, apesar de todos esses intensos debates e disputas, muitas questões relativas ao papel das Forças em apoio à segurança nacional perante os desafios das guerras futuras, especialmente contra a URSS, permaneceram sem respostas convincentes. Como a arquitetura interna não conseguiu resolver o enigma, um evento exógeno da Guerra Fria trouxe de volta o equilíbrio e realinhou os vetores em direção à solidez doutrinária.

Figura 4: Revolta dos Almirantes.



Fonte: *The New York Times*.

Quando a Coreia do Norte atacou a Coreia do Sul em junho de 1950, a Marinha, os Fuzileiros Navais e o Exército dos EUA enfrentavam a ameaça de extinção.¹⁸ A perda de importância e a política orçamentária austera de Truman, que favoreceram a Força Aérea, resultaram em um Exército reduzido e despreparado.¹⁹ No entanto, após o anúncio da Doutrina Truman em 1947 — um “programa de apoio militar e econômico para as nações que lutavam contra o expansionismo comunista” — e a formação da Organização do Tratado do Atlântico Norte

(OTAN) em 1948, a agressão comunista exigia uma resposta contundente. Como o presidente Truman não estava interessado em um confronto direto com a URSS ou mesmo com a China, devido ao risco de uma escalada termonuclear, ele impôs várias restrições aos comandantes militares — embora alguns oficiais defendessem um ataque nuclear contra o *heartland* soviético. Contudo, o número insuficiente de bombas atômicas e o desenvolvimento da capacidade nuclear soviética começaram a evidenciar as limitações da estratégia nuclear.²⁰ Consequentemente, o orçamento da defesa saltou de US\$ 13 para US\$ 47,8 bilhões e as forças convencionais recuperaram importância no pensamento estratégico americano.²¹

Entre a II GM e a Guerra da Coreia, o governo dos EUA considerou a Marinha e o Exército impotentes ante à única ameaça verdadeira para os EUA: a URSS.²² No entanto, após os primeiros 60 dias de guerra e a queda de 30.000 bombas em solo coreano, o poder aéreo sozinho não foi suficiente para resolver o conflito.²³ Nesse contexto, o Comandante Geral do Extremo Oriente General Douglas MacArthur concebeu a Operação Chromite, um Assalto Anfíbio ao porto de Inchon para o qual ele não possuía nem navios nem tropas. Depois de vencer batalhas domésticas nos campos político e estratégico e reunir 230 navios — incluindo 34 da Marinha Japonesa — e 71.000 militares da Marinha, do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais, MacArthur executou seu plano e reverteu o curso da guerra.²⁴ Uma década após o início da Guerra da Coreia, a Marinha já possuía 14 porta-aviões e 16 grupos aéreos.²⁵ Para o Corpo de Fuzileiros Navais, a Batalha de Inchon também contribuiu para o desenvolvimento dos “conceitos de envolvimento vertical, mobilidade aérea, forças expedicionárias navais, suprimentos e equipamentos marítimos pré-posicionados, e a importância da prontidão operativa em tempo de paz.”²⁶ A doutrina do Exército dos EUA não evoluiu muito entre a II GM e a Guerra da Coreia, nem mesmo durante o conflito. No entanto, as experiências de combate que a Guerra da Coreia forneceu constituiriam o ponto de apoio para o desenvolvimento e a implementação de planos, políticas e doutrina nos anos seguintes.²⁷ Além disso, outro resultado estratégico da guerra foi o “estabelecimento de grandes guarnições em solo estrangeiro em tempo de paz,” especialmente na Coreia do Sul e na Europa, para, respectivamente, manter o armistício e impedir a expansão do comunismo, estabelecendo uma nova missão para o Exército dos EUA.²⁸ A Força Aérea também provou ser fundamental para o sucesso do esforço conjunto e conseguiu manter sua independência e a responsabilidade pelo bombardeio estratégico.

²⁰Ibidem, p. 9, 11

²¹McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 12

²²McFarland, Stephen L. *The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm*, *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, 1996, p. 7

²³Kopets, Keith F. Omar Bradley Was Right, *Marine Corps Gazette*, 2003, p. 3

²⁴Ibidem, p. 2

²⁵McFarland, Stephen L. op. cit. p. 11

²⁶Kopets, Keith F. op. cit. p. 1

²⁷Carter, Donald A. *The U.S. Army Before Vietnam: 1953 - 1965*, *Center of Military History, United States Army*, p. 9

²⁸Idem.

¹⁷McFarland, Keith D. op. cit., p. 61, 62

¹⁸Ibidem, p. 62

¹⁹Carter, Donald A. *The U.S. Army Before Vietnam: 1953 - 1965*, *Center of Military History, United States Army*, p. 8

Embora nos anos que se seguiram à Guerra da Coreia, o Presidente Dwight D. Eisenhower não acreditasse mais em tropas convencionais – em função da ameaça nuclear – a guerra funcionou como um laboratório para as novas teorias, especialmente aquelas baseadas na supremacia do poder aéreo sobre os poderes terrestre e marítimo. Ainda assim, a guerra fez o que Almirantes, Generais e políticos não puderam fazer após a II GM: recuperou o prestígio do Exército, da Marinha e dos Fuzileiros Navais no preparo e emprego estratégico das Forças Armadas estadunidenses em apoio à defesa nacional.

Portanto, além da habitual caracterização como uma disputa entre dois sistemas político-econômicos, a era da Guerra Fria ostenta um grande significado para a estratégia militar, pois ao questionar o arcabouço conceitual sobre o preparo e emprego

da Forças Armadas dos EUA com teorias promissoras sobre a combinação de poder aéreo e capacidade nuclear, este período da história exigiu uma profunda redefinição na organização, doutrina e equipamentos das Forças. Essa mudança de paradigma na guerra se consolidou na Guerra da Coreia, a qual revelou, na prática, que o Exército, a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA precisavam de evolução, e não de extinção. Provou, ainda, que apesar de a Força Aérea dos EUA possuir um papel fundamental a desempenhar nas guerras futuras, as outras Forças não poderiam, em hipótese alguma, ser desconsideradas, acentuando a importância das operações conjuntas. A recuperação do equilíbrio entre as Forças foi fundamental para permitir que as forças armadas dos EUA se adaptassem para enfrentar as guerras revolucionárias dos anos vindouros.



Referências

CARTIER, Donald A. *The U.S. Army Before Vietnam: 1953 –1965*. Washington, DC: Center of Military History, United States Army, 2015.

COUTEAU-BÉGARIE, Hervé. *Tratado de Estratégia*. Traduzido pela Escola de Guerra Naval. Riode Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

ESTADOS UNIDOS. The White House. *Executive Order 9877*, July 26, 1947. Harry S. Truman Presidential Library & Museum. Disponível em <<https://www.trumanlibrary.gov/library/executive-orders/9877/executive-order-9877>>. Acesso em 04 mar, 2020.

FLOYD, Kennedy, Jr. The Creation of the Cold War Navy, 1953-1962. In: *In Peace and War: Interpretations of American Naval History*, ed. Kenneth J. Hagan and Michael T. McMaster. Praeger Security International, 2008. p. 243-260.

GRAY, Colin S. *Airpower for Strategic Effect*. Air University Press, p. 157-165, 2012.

HEINL, Robert D. "The Inchon Landing: A Case of Study in Amphibious Planning." *Naval War College Review* LI, no. 2, p. 117-134, 1998.

KOPETS, Keith F. 'Omar Bradley Was Right.' *Marine Corps Gazette*. Quantico, VA, p. 1-11, August 2003.

KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. 3 ed. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1996.

MCFARLAND, Keith D. The 1949 Revolt of the Admirals. *Parameters, Journal of the US Army War College* XI, n. 2, p. 53-63, 1981.

MCFARLAND, Stephen L. The Air Force in the Cold War: Birth of a New Defense Paradigm. *Air & Space Power Journal* 10, no. 3, p. 4-15, 1996.